

LICÃO 13 – A MORTE DE ELISEU

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

2REIS 13

21 E sucedeu que, enterrando eles um homem, eis que viram um bando e lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, caindo nela o homem e tocando os ossos de Eliseu, reviveu e se levantou sobre os seus pés.

- Este versículo será comentado abaixo, no texto da leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

2REIS 13

14 E Eliseu estava doente da sua doença de que morreu; e Jeoás, rei de Israel, desceu a ele, e chorou sobre o seu rosto, e disse: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros!

- Eliseu, por meio de quem Deus realizara muitos milagres grandiosos, morreu de uma doença fatal. A realidade nos ensina que grandes homens de fé, às vezes, morrem de doença, inclusive aqueles que antes exerceram um ministério de cura divina. Entre as consequências da queda de Adão e de Eva estão a enfermidade e a morte; ninguém está isento delas.

- Não foi registrado que tipo de doença ele tinha. Provavelmente, era alguma debilidade própria da idade avançada, como no caso de Isaque (Gn. 27.1-2), Davi (1Rs. 1.1-4) e outros que morreram sem nenhum tipo de doença. Eliseu foi chamado para o ofício de profeta quando era jovem, devendo ter morrido com 85 a 90 anos de idade.

- É de se notar que Eliseu estava “sumido” da narrativa de 2Reis desde o capítulo 9. Acredita-se que tenham se passado cerca de 40 anos entre sua última referência, em 2Rs. 9.1 e este versículo.

- A enfermidade terminal de Eliseu mostrou que ele era um homem mortal, como qualquer outro. Ele tinha atingido o ciclo final de sua vida, aquele tempo lamentável quando um homem fica tão doente que não pode mais sobreviver, a despeito de medicamentos e de orações. Seu tempo de partir deste mundo havia chegado. Jeoás, rei de Israel, ao ouvir que o velho profeta estava prestes a fazer a transição para a outra vida, foi visitá-lo, movido pelo respeito. Ele tinha sido uma pessoa extraordinária, merecedora da atenção de todos, bem como das suas congratulações, porquanto ele fez o que precisava fazer, e tudo sem o menor reparo.

- O rei Jeoás reconheceu que o Deus de Eliseu era o verdadeiro defensor de Israel (cf. 2Rs. 2.12). Jeoás sabia com certeza que a força e a proteção de Israel findariam com a morte de Eliseu. Em qualquer tempo que faltar a palavra profética para o povo de Deus, a decadência espiritual e a apostasia sem dúvida vão surgir.

- É curioso que Jeoás tenha repetido aqui as mesmas palavras que o próprio Eliseu havia falado, ao testificar a translação de Elias, através da carruagem de fogo. Talvez, naquele momento, Jeoás houvesse tido alguma espécie de visão ou alguma outra experiência mística que tenha provocado suas exclamações. Outros explicam que Eliseu tinha feito aquela exclamação por ocasião da partida de Elias, e Jeoás simplesmente a repetiu, sabendo que o idoso profeta estava preparado para a partida dele. Há ainda quem diga que Jeoás desejava saber se o fim de Eliseu seria como o de Elias, o que nos parece pouco provável.

- Foi uma cena de lágrimas. Embora o rei não tivesse abandonado a sua idolatria, ele havia incorporado *Yahweh* em seu sistema eclético, pelo que Jeoás não foi uma perda total.

15 E Eliseu lhe disse: Toma um arco e flechas. E tomou um arco e flechas.

- Embora estivesse morrendo, o idoso profeta ainda podia perceber o futuro. Israel teria algum alívio dos assédios dos sírios, e Jeoás seria o instrumento que conseguiria isso. Foi-lhe, pois, ordenado ferir o chão com flechas da vitória. As flechas do livramento de Israel foram atiradas.

- O rei precisou prover o material: o arco e as flechas. Mas ele precisava da ajuda do profeta, que pôs suas mãos a fim de cooperar e ajudar as mãos do rei (v. 16). O ritual era simbólico. O rei teve de prover a força; mas ele também contava com a benção divina, através do profeta, o qual tinha poder com *Yahweh*, que controla todas as coisas.

- O arco era muito antigo. Ismael era arqueiro (Gn. 21.20); Esaú também (Gn. 27.3). Era usado como arma de guerra (Gn. 28.22). Os arcos eram feitos de vários materiais (madeira, chifre, marfim e aço – Jó. 20.24; Sl. 18.34) e possuíam várias formas. Os arcos egípcios mediam cerca de 2 metros e eram quase retos, tendo uma ligeira curva em cada ponta, ou uma curva no meio, quando não retesados. Às vezes, os arcos assírios eram curvados; outras, angulares e menores do que os arcos egípcios. Suas cordas eram de couro, crina de cavalo, pele ou categute. Eram utilizados vários métodos para dobrar o arco – as mãos, os joelhos ou os pés. Estes eram provavelmente os mais usados; a palavra hebraica *darak*, comumente usada no sentido de dobrar o arco, significa literalmente “andar”. Os arcos eram feitos de madeira ou de cana e suas setas eram geralmente de metal ou de chifre. Algumas eram enfeitadas e possuíam pontas farpadas.

16 Então, disse ao rei de Israel: Põe a tua mão sobre o arco. E pôs sobre ele a sua mão; e Eliseu pôs as suas mãos sobre as mãos do rei.

- O arco armado e a flecha atirada na direção do oriente estão em acordo com aquelas ideias de *simbolismo eficaz*, comuns às narrativas populares. Esse incidente particular foi similar ao ato de Josué estender sua lança na direção da cidade de Ai (ver Js. 8.18). O arco entesado foi considerado a *movimentação real* das carruagens do Senhor em sua tarefa de livrar Israel do domínio da Síria.

- Eliseu estava enfermo, mas não tão enfermo que não pudesse realizar mais um feito em favor de Israel. A vida de Eliseu tinha vindicado suas palavras, e mais um ato de poder miraculoso

seria adicionado ao grande acúmulo de milagres que já havia. Tomando o arco em suas mãos, o rei, simbolicamente, tornou-se o instrumento de *Yahweh* para a vitória antecipada. O que ele fez assumiu um caráter profético por estar sendo dirigido pelo idoso profeta Eliseu.

17 E disse: Abre a janela para o oriente. E abriu-a. Então, disse Eliseu: Atira. E atirou; e disse: A flecha do livramento do SENHOR é a flecha do livramento contra os siros; porque ferirás os siros em Afeca, até os consumir.

- A janela aqui referida era a janela que dava para a parte oriental da casa, o lugar onde o sol nasce no firmamento, onde o poder de Deus se manifesta pela manhã. O sol estava prestes a levantar-se para o bem de Israel, embora se escondendo por trás do horizonte estivesse o cativo assírio, que viria do norte.

- Provavelmente Eliseu gostaria de ter parado aquele poder por algum tiro simbólico de uma flecha, mas essa tarefa estava além de seu poder, e fora da vontade de *Yahweh*. Passar-se-iam ainda setenta anos antes que aquele evento tivesse lugar, pelo que, nesse ínterim, Israel poderia ter algum descanso de seus inimigos.

- O ato de atirar uma flecha para o oriente (ou seja, para a área dominada pela Síria – 2Rs. 10.32-33) era uma predição simbólica de que Israel se livraria da opressão da Síria. Era um sinal de que Deus guardaria Israel.

- Atirar uma flecha era o método antigo de declarar guerra, frequentemente relacionado em antigos escritos clássicos. Vindo dos confins do território inimigo, um arauto, após observar certas solenidades, clamava em alta voz: “Eu empreenderei guerra contra você!”. Ele declarava suas razões para a guerra e então atirava uma lança em direção à cidade a ser invadida. Isso era considerado advertência suficiente de suas intenções bélicas. Trinta dias eram aguardados depois disto para se fazer as pazes ou resolver as diferenças; mas se não fosse alcançado um acordo nesse período, as hostilidades começavam.

- Damasco, capital da Síria, ficava na direção nordeste, pelo que atirar flechas na direção leste não correspondia exatamente àquela direção. Mas o que importava era o leste, e o simbolismo envolvido nisso. Naturalmente, Israel precisava de vitória no oriente, isto é, na Transjordânia, que a Síria já havia conquistado. Em 2Rs. 10.33 está retratada a conquista síria daquela região. Sem dúvida, essa era uma das razões pelas quais as flechas foram atiradas na direção do oriente. O atirar das flechas era uma declaração de guerra.

- O aniquilamento das forças sírias enviadas para a batalha foi prometido, mas não do exército sírio inteiro, que nunca sofreu tal aniquilamento. Israel teria um alívio temporário, e não uma vitória total. Somente os assírios abateriam, realmente, os sírios.

- Afeque, ou Afeca, ficava na Transjordânia (ver 1Rs. 20.30). Palavra hebraica que significa “força, fortaleza”. Designa uma cidadela ou cidade fortificada. Quatro cidades do Antigo Testamento são assim chamadas: 1) uma cidade no território de Aser (ver Js. 12.18; 13.4; 19.30); em Jz. 1.31 aparece como uma das cidades cujos habitantes, os membros da tribo de Aser, não conseguiram despossar os moradores, pelo que esses povos habitaram entre os aseritas; é comumente identificada com Tell Kurdaneh, cerca de dez quilômetros a sudeste de Aço, ao norte de Beirute; 2) um lugar localizado na fronteira norte do território cananeu, com os amorreus (ver Js. 13.4); as referências bíblicas dizem respeito às terras que não foram ocupadas, ao norte; com frequência tem sido identificada com Afqa, antiga Afaça, a cerca de 37 km ao norte de Beirute;

nos tempos antigos, foi o centro do culto de Astarte-Adonis; 3) uma importante cidade, uma das diversas que havia na planície de Sarom; seu rei foi morto por Josué, durante a conquista de Canaã (Js. 12.18); foi o lugar de onde partiram as forças filistéias que capturaram a arca e destruíram Silo, em cerca de 1050 a.C. (ver 1Sm. 4.1); foi ali, igualmente, que os filisteus reuniram forças, quando estavam em campanha contra Saul, o que resultou na morte dele (1Sm. 29.1); o lugar foi capturado na segunda campanha de Amenhotep II, do Egito, contra as planícies de Sarom e Jezreel (em cerca de 1440 a.C.); fez parte da província de Samaria durante o reinado de Esar-Hadom (681-669 a.C.); posteriormente, o local foi ocupado pela cidade de Antípatri; tem sido identificada com a moderna Ras el'Ain, nas cabeceiras do Nahr el-'Auga, a cerca de 18 km a nordeste de Jopa; 4) uma cidade ao norte da Transjordânia, distrito de Basã, na estrada de Damasco a Bete-Sean, atravessando o vale de Jezreel; ficava localizada cerca de 6 km a leste do mar da Galileia; era uma cidade forte de Bete-Sean; foi perto dali que Ben-Hadade, o rei sírio, foi derrotado por Acabe, de Israel; Ben-Hadade fugiu para a própria cidade e pediu clemência da parte de Acabe (1Rs. 20.26-34); Joás derrotou Ben-Hadade, filho de Hazarel, da Síria, nesse lugar, conforme a predição de Eliseu; tem sido identificada com Fiq ou Afiq, na cabeceira do Wadi Fiq, a leste do mar da Galileia.

18 E disse mais: Toma as flechas. E tomou-as. Então, disse ao rei de Israel: Fere a terra. E feriu-a três vezes e cessou.

- Além de atirar as flechas, ao rei Jeoás foi ordenado ferir a terra com flechas. Supomos que elas tenham sido atiradas contra o solo, a fim de nele penetrarem, e ficarem ali fincadas, na direção vertical. Assim como as flechas se enterrariam no solo, os corpos dos soldados sírios seriam transpassados, e haveria uma tremenda matança. Cada flecha assim atirada simbolizaria uma vitória. O tímido rei Jeoás, não compreendendo o sentido da cerimônia do atirar das flechas (em que pese ter sido expressamente avisado por Eliseu de que tal ritual simbolizaria o livramento de Deus – v. 17), atirou somente três flechas, garantindo assim somente três vitórias.

- Ao bater no chão com as flechas apenas três vezes, o rei Joás demonstrou que não tinha zelo, dedicação e fé necessários para o Senhor cumprir Sua promessa. Por isso, ele não derrotaria completamente os sírios (v. 19).

- O rei saiu para fora da casa de Eliseu para realizar o ritual das flechas. Mas alguns pensam que ele atirou as flechas contra o chão de barro batido da casa de Eliseu.

19 Então, o homem de Deus se indignou muito contra ele e disse: Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então, feririas os siros até os consumir; porém agora só três vezes ferirás os siros.

- Embora doente da doença que o matou, o idoso profeta ainda teve energia suficiente para ficar muito indignado contra o rei Jeoás, pois, havia limitado o triunfo de Israel por sua visão fraca. Naturalmente, ele ignorava como o ritual deveria funcionar, mas a ignorância usualmente está por trás de uma visão limitada. Nossa primeira incumbência é saber, e a segunda é agir.

- As duas grandes colunas da espiritualidade são o conhecimento e o amor. Os intérpretes têm visto a realização fraca do Rei Jeoás como resultante de um caráter vacilante. Todos nós, seres humanos, estamos sujeitos a esse mesmo tipo de fraqueza. Em toda vida há um cumprimento parcial “daquilo que poderia ter sido”. Há em nós a mistura da fraqueza e da fortaleza, do que é

vital e do que é trivial. Em tudo isso, somente o poder de Deus pode cumprir em nós o que Deus tenciona para nós (Pv. 16.33).

- A predição de Eliseu se cumpriu: três vezes Jeoás feriu Ben-Hadade e recuperou as cidades de Israel (2Rs. 13.25).

20 Depois, morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, as tropas dos moabitas invadiam a terra, à entrada do ano.

- Eliseu foi um homem que recebeu dupla porção do Espírito de Elias, e realizou o dobro dos milagres dele. O idoso profeta Eliseu tinha terminado seu curso, e seguiu pelo caminho de toda a carne, mas seus ossos ainda tinham o poder de operar milagres. Uma ressurreição foi efetuada mediante o mero toque desses ossos.

- O fim de Eliseu foi narrado de maneira bem simples. O idoso profeta, de carreira tão ilustre, morreu e recebeu um sepultamento honroso. Sem dúvida, algum elogio apropriado foi proferido, mas a Bíblia não contou essa parte. Também é indubitável que tenha havido grande lamentação por toda a terra de Israel, já que um grande homem havia tombado em Israel, mas isso também não foi relatado. O autor do livro de Reis deixa-nos apenas o conhecimento de que tudo estava bem com Eliseu; tudo estava bem com a sua alma.

- As tradições judaicas dizem-nos que Eliseu foi sepultado no monte Carmelo, no sepulcro de Elias, e que ele morreu no décimo ano do reinado de Jeoás. Sua carreira como profeta, ao que parece, estendeu-se por sessenta anos! Alguns chegam a afirmar que foram 66 anos de ministério. Não se sabe qual a sua idade quando morreu, mas ele deve ter chegado muito acima dos oitenta anos.

- “À entrada do ano”, isto é, por ocasião da primavera, hordas de moabitas armados costumavam invadir Israel. Esses assédios não eram feitos com grandes exércitos. Antes, eram feitos por bandos armados. Alguns estudiosos dizem que devemos pensar aqui no outono, o tempo da colheita, e não na primavera, porque era então que os moabitas teriam aproveitado o máximo com seus ataques, levando os frutos da terra. Eles tiravam vantagens das condições debilitadas de Israel e sempre ansiavam por tirar vingança, porque o país deles fora devastado por Israel (ver 2Rs. 3.26).

- A história do ataque dos moabitas nos foi narrada porque aqueles homens ímpios interromperam o sepultamento de um homem, subsequente ao sepultamento de Eliseu (algum tempo depois, onde o elemento não foi definido pelo autor sagrado). A história desse sepultamento nos é dada no versículo seguinte, que ainda registra o milagre da ressurreição de um homem morto, o derradeiro milagre de Eliseu, realizado postumamente.

21 E sucedeu que, enterrando eles um homem, eis que viram um bando e lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, caindo nela o homem e tocando os ossos de Eliseu, reviveu e se levantou sobre os seus pés.

- Eliseu morreu e foi sepultado, mas, mesmo lá na sua sepultura, Deus manifestou o seu poder e deu testemunho do caráter de Eliseu como o profeta que vivifica (2Rs. 4.32-37; 1Rs. 17.17-24). Este milagre sugere que a influência de uma pessoa que anda com Deus não cessa

automaticamente com a sua morte, mas que depois disso poderá ser um manancial de vida espiritual para os outros (Jo. 12.24; 2Co. 4.11-12).

- O homem morto estava sendo sepultado perto do sepulcro de Eliseu. O costume oriental era usualmente escavar um buraco em uma colina, no chão de terra ou em uma rocha, e assim fazer uma espécie de perfuração onde o corpo pudesse ser sepultado. O lugar era então coberto com uma pedra. Não se usava nenhum esquife de defunto, mas o corpo era envolto em mortalhas. Naturalmente, havia sepulcros em lugares mais planos, e presumivelmente o povo sepultava seus mortos no chão de terra ou em rochas. No tempo dos gregos e dos romanos, o costume era sepultar simplesmente no chão de terra ou em lugares rochosos, e os judeus geralmente seguiam esse costume, embora túmulos abertos nas rochas continuassem muito comuns.

- Em sua pressa por escaparem aos assaltantes moabitas, os homens largaram o cadáver do homem morto no túmulo de Eliseu. Eles cuidariam melhor do sepultamento mais tarde. Quando o cadáver tocou nos ossos do grande profeta, foi reanimado! A ideia de que os ossos do morto retêm, pelo menos durante algum tempo, o poder sobrenatural que o morto tivera em vida, era comum entre os povos primitivos. Essas crenças sobrevivem na veneração que é dada aos ossos dos santos, que são guardados por algumas organizações religiosas como santas relíquias.

- Talvez o milagre do texto tenha servido de garantia para Jeoás de que ele teria sucesso nas batalhas contra os sírios, conforme Eliseu prometera quando ainda estava vivo. De fato, ao permitir que o toque nos restos mortais de Eliseu desse vida a um morto, Deus mostrava ao rei Jeoás que a morte de Eliseu não iria impedir aquilo que há algum tempo ele havia prometido a ele. Deus é fiel e zela pela Sua Palavra para a cumprir.

- Metaforicamente, homens mortos (pelo pecado) são ressuscitados quando entram em contato com os livros, com os ensinamentos e com a reputação de homens espirituais que, embora já tenham morrido, vivem contudo através das contribuições que fizeram. Mas o Cristo ressurreto é aquele que realmente faz reviver os homens espiritualmente mortos.

- Se o poder de Deus manifestado nos ossos de um homem morto foi capaz de levantar um cadáver, não pode o poder dele em um homem vivo fazer o mesmo? Tal coisa não parece ser impossível, pois Cristo ordenou aos seus discípulos que fizessem o mesmo (Mt. 10.8). E ele prometeu conceder àqueles que cressem o poder para capacitá-los a executar essas obras. O que crê também fará obras maiores (Jo. 14.12). Consideremos o poder vindo do alto (Mt. 16.15-20; Jo. 7.37-39; At. 1.4-8; 1Co. 12; Mt. 17.20; 21.22; Mc. 8.23; 11.22-24; Jo. 15.7,16).

- O catolicismo romano afirma que este texto justifica a veneração às relíquias dos santos. Isto, entretanto, não é verdadeiro. Deus usou diversos meios físicos para realizar milagres, como, por exemplo, a vara de Moisés (Ex. 4.17), a serpente de bronze no deserto (Nm. 21.8-9) e a saliva do Senhor Jesus para curar o cego (Jo. 9.6). Mas, em nenhuma ocasião, permitiu a idolatria. Ezequias, rei de Judá, despedaçou a serpente que Moisés havia feito, porque o povo estava lhe queimando incenso (2Rs. 18.4).

- Este foi o 33º. e último milagre na história da vida do profeta Eliseu. Costuma-se afirmar que este milagre foi realizado para completar o exato dobro de milagres realizados por Elias (em razão de ter Eliseu pedido a Elias porção dobrada do espírito deste – 2Rs. 2.9), o que de fato não é verdade. Elias realizou 16 milagres; Eliseu, em vida, já tinha realizado 32 milagres. Portanto, já havia realizado exatamente o dobro de milagres de Elias. Não havia, portanto, “necessidade” de mais um milagre para completar o número.

- Os 16 milagres de Elias foram os seguintes: 1) três anos de seca (1Rs. 17.1); 2) alimentado por corvos (1Rs. 17.1); 3) multiplicação do trigo e do óleo (1Rs. 17.8-16); 4) ressurreição de um menino (1Rs. 17.17-24); 5) fogo do céu (1Rs. 18.30-40); 6) chuva depois de três anos e meio (1Rs. 18.41-45); 7) correu 50 km a pé (1Rs. 18.46); 8) alimentado por um anjo, adquirindo força sobrenatural por 40 dias (1Rs. 19.5-8); 9) comunicação sobrenatural (1Rs. 19.5-8); 10) comunicação sobrenatural (1Rs. 21.17-24); 11) comunicação sobrenatural (2Cr. 21.12); 12) comunicação sobrenatural (2Rs. 1.3-8); 13) fogo do céu (2Rs. 1.9-10); 14) fogo do céu (2Rs. 1.11-12); 15) concedeu porção dobrada do espírito a Eliseu (2Rs. 2.9-10).

- Os 33 milagres de Eliseu foram os seguintes: 1) secou o rio Jordão (2Rs. 2.13-15); 2) purificou as águas (2Rs. 2.19-22); 3) saíram ursos da floresta (2Rs. 2.23-25); 4) as cisternas se encheram sem chuva (2Rs. 3.16-20); 5) derrota dos moabitas (2Rs. 3.18-20, 24-27); 6) ilusão de óptica (2Rs. 3.21-23); 7) multiplicação do óleo da viúva (2Rs. 4.1-7); 8) esterilidade curada (2Rs. 4.1-17); 9) ressurreição de um menino (2Rs. 4.23-37); 10) tirou a morte que havia na panela (2Rs. 4.28-41); 11) multiplicou pão para 100 homens (2Rs. 4.42-44); 12) a lepra de Naamã foi curada (2Rs. 5.1-14); 13) o discernimento de Geazi (2Rs. 5.25-26); 14) a lepra de Naamã passada para Geazi (2Rs. 5.27); 15) fez o machado flutuar (2Rs. 6.1-7); 16) revelou segredos de guerra (2Rs. 6.8-10); 17) revelou segredos de guerra (2Rs. 6.10-12); 18) revelou novamente segredos de guerra (2Rs. 6.13); 19) os olhos do servo foram abertos (2Rs. 6.13-17); 20) cegou o exército da Síria (2Rs. 6.18); 21) capturou todo o exército da Síria (2Rs. 6.19); 22) curou da cegueira todo o exército da Síria (2Rs. 6.20-23); 23) previu os atos do rei (2Rs. 6.32-33); 24) comunicação sobrenatural (2Rs. 7.1); 25) comunicação sobrenatural (2Rs. 7.2); 26) confundiu os sírios (2Rs. 7.6-8); 27) sete anos de fome (2Rs. 8.1-2); 28) comunicação sobrenatural (2Rs. 8.7-11); 29) comunicação sobrenatural (2Rs. 8.12); 30) comunicação sobrenatural (2Rs. 8.13-15); 31) comunicação sobrenatural (2Rs. 9.1-10); 32) comunicação sobrenatural (2Rs. 13.13-19); 33) ressurreição do morto (2Rs. 13.21).

- Elias subiu ao céu vivo, Eliseu deu vida mesmo estando morto. Este milagre mostra que o Senhor possui planos diferenciados para cada um de seus filhos. Portanto, não devemos fazer comparações nem questionar os atos divinos (Jo. 21.19-23). Há homens cujas ações continuam falando mesmo depois de haverem morrido (Hb. 11.4).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. São Paulo: Hagnos, v. 3, 2001.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A morte de Eliseu**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GONÇALVES, José. **Lições bíblicas: Elias e Eliseu – um ministério de poder para toda a igreja**. Editora CPAD, 2013.

- GONÇALVES, José. **Porção dobrada**. Editora CPAD, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A morte de Eliseu**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A morte de Eliseu**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.